

# Questão estratégica

**Q**ue o ensino de segundo grau é de má qualidade, já se sabia há algum tempo. Mas a população ignorava a gravidade revelada pelo teste que avaliou mais de 420 mil alunos da 3<sup>a</sup> série dos cursos acadêmico e técnico em nove estados brasileiros.

Para se ter uma idéia, nenhum dos 144 mil estudantes que fizeram a prova de português conseguiu acertar as trinta questões, chamando a atenção dos professores pela dificuldade em estruturar uma redação. É, claramente, um problema que vem do primeiro grau, agravado pela falta de leitura. E nunca é demais lembrar que a língua é um dos principais fatores de civismo e de integração nacional.

Surpreende ainda o número de estudantes que pretendem parar de estudar ao fim do segundo grau (30%) — no máximo admitem entrar para um curso profissionalizante para ingressar o quanto antes no mercado de trabalho. Em São Paulo, 44% dos que fizeram o teste estão nessa situação, um número excessivamente alto, indicando que o curso superior perdeu a antiga atração, já que o diploma não protege ninguém do desemprego.

Cabe discutir a eficiência dos cursos técnicos e profissionalizantes do ensino público, a maioria atingida pela falta de investimento. Não fossem as iniciativas das entidades patronais ou cursos particulares, cujas mensalidades engolem or-

camentos familiares minguados, o país amargaria falta de profissionais para contratar.

Em última instância, o resultado mostra a falta de perspectiva dos estudantes diante da preparação deficiente do ensino médio. O abandono do curso antes de completada a formação. O desencanto em face da falta de capacitação para disputar uma vaga.

O ministro da Educação, Paulo Renato, já admitiu que o ensino médio brasileiro é sofrível e pediu que os governos investissem mais na qualidade do segundo grau, visto que a obrigação constitucional de oferecer escola gratuita termina na 8<sup>a</sup> série do primeiro grau.

É preciso, pois, criar um novo patamar mínimo de exigência. O país não pode ficar refém de uma política que prefere um trabalhador mal qualificado e mal preparado simplesmente porque a economia exige empregados bem formados, informados e com capacidade de decisão. Os lucros e o desenvolvimento de empresas e do próprio país estão relacionados a um novo capital: o nível de conhecimento e a habilidade de seus trabalhadores. Um país que luta para fugir do subdesenvolvimento, que tenta se integrar a um mundo cada vez mais globalizado, e no qual a informação ganha extraordinário valor, precisa ter uma política de educação mais voltada para o mercado de trabalho. É uma questão de estratégia.